
A HISTÓRIA DA LITERATURA ENTRE AS DÉCADAS DE 50 E 60: O SURGIMENTO DE NOVAS PERSPECTIVAS

Prof. Ms. Joyce Kelly Barros da Silva
Rede particular de Ensino
joycekellybarros@yahoo.com.br

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo apresentar duas propostas teóricas surgidas entre as décadas de 50 e 60, e que buscaram propor novos caminhos para a historiografia da Literatura. A primeira teoria, chamada Estética da recepção, nasceu na Europa e foi pensada por Hans Robert Jauss. Ela foi apresentada ao público em 1967, na abertura do semestre letivo da Universidade de Constança, Alemanha. De modo geral, a Estética da recepção propõe uma renovação na História da Literatura tradicional, fruto do Positivismo do século XIX, que apregoa a objetividade do cientista, quer seja ele crítico literário, historiador, ou médico de laboratório. De acordo com a Estética da recepção, a História literária deve levar em consideração o modo como os leitores atribuem sentidos aos textos tendo em vista a conjuntura política, social e econômica em que estão inseridos em dado momento da História.

A segunda teoria que será aqui estudada é da autoria de Antonio Candido, crítico literário conhecido por historiadores e sociólogos e que desde as primeiras décadas do século XX tem dado uma marcante contribuição para o enriquecimento do cenário cultural e intelectual brasileiro. A historiografia literária de sua criação surgiu em 1957, quando o livro *Formação da Literatura Brasileira* foi publicado pela primeira vez. No âmbito da historiografia, Candido inovou ao conceber a Literatura como produto cultural e como prática simbólica, fugindo assim de uma perspectiva estreita e abraçando um ângulo cultural e social mais abrangente.

Na análise deste trabalho apresentamos de modo breve cada perspectiva e na conclusão fazemos uma avaliação acerca de como cada uma destas duas teorias foram recepcionadas aqui no Brasil.

2. Análise

2.1 A Estética da Recepção

Base do modelo tradicional de ensino de Literatura, a História da Literatura que Jauss critica teve o seu apogeu no final do século XIX. Esse modelo de historiografia

consiste basicamente em apresentar de maneira esquemática nomes de autores e títulos de obras, organizados em seqüência cronológica, indo sempre do mais antigo para o mais novo. A perspectiva deste estudo é totalmente diacrônica e consiste em colocar em fila a vida e os textos dos escritores. Ela é considerada de natureza historiográfica porque elenca, junto do nome do autor e da obra, fatos históricos de suposta repercussão e importância. Em suma, o objetivo é traçar um panorama das épocas e dos estilos, relacionando um conjunto de obras de acordo com um período histórico marcante, como se este fosse determinante daquele.

De acordo com Jauss, este procedimento não “constitui história alguma; mal chega a ser o esqueleto de uma história” (JAUSS: 1994, p. 7), isto porque não consegue mostrar efetivamente as relações entre os acontecimentos históricos e as obras. Segundo ele, a História da Literatura se descaracterizou, pois o alvo a ser perseguido — a historicidade e o funcionamento da arte na conjuntura social — foi banido a pretexto de isenção analítica. Desta forma, a Literatura e a História ficaram divididas por um fosso, dando origem a uma espécie de pseudo-historiografia que ainda está na base de muitos dos nossos modelos de abordagem da Literatura.

Para vincular novamente a Literatura à historicidade, Jauss olhou para as teorias de seu tempo, dialogando com elas e retirando (no sentido positivo do termo) algo que pudesse ajudar, fosse ele um conceito acabado ou uma postura frente ao texto e ao mundo¹. Zilberman (1989, p. 12) vê nisso uma recusa ao dogmatismo, uma vez que a modelagem teórica da Estética da recepção nasceu aberta às tendências da época, e assim permaneceu, acatando as correções que foram sendo feitas ao longo dos anos. E de fato vemos que ao beber em tantas fontes, Jauss se eximiu de criar uma teoria estanque, o que poderia ter feito caso não quisesse valorizar outros estudos.

De modo geral, Jauss se dedicou ao estudo de duas grandes teorias do séc. XX, o Formalismo e o Marxismo, fato que fica bastante visível porque elas foram bastante discutidas no texto da palestra. O Formalismo surgiu com a fundação do Círculo Lingüístico de Moscou, grupo de estudantes que desenvolviam pesquisas sobre poética e estudos lingüísticos. Essa corrente evidenciava-se por recusar interpretações que extrapolassem o texto e por não amparar-se em qualquer dado externo para realizar a sua leitura. Os formalistas viviam em torno do texto, perscrutando sua forma de

construção, as relações possíveis entre estrofes, versos e rimas, acreditando que o “formato” do texto poderia, por si só, dar conta dos sentidos por ele apresentados.

Para o Formalismo, são essenciais o conceito de Literariedade e o princípio de que a organização da obra é um produto estético. Outro conceito também caro para os formalistas russos é o de percepção artística. Segundo seus princípios, o caráter da Literatura deve ser definido a partir da oposição entre a linguagem prática e a linguagem literária, isto é, da elaboração estética e do uso corrente da língua. Nessa conjuntura, a linguagem prática passa a estar associada às condicionantes históricas e sociais, enquanto a linguagem literária é definida como objeto de singularidade, que (justamente por ser diferente da linguagem corrente) proporciona uma nova percepção do mundo trivial, um meio para a destruição do automatismo da percepção cotidiana. Para os Formalistas, a percepção artística só pode ser alcançada quando se percebemos todos os procedimentos de construção verbal utilizados pelo autor. Como vemos, as instâncias mais importantes aqui são o texto e o escritor, este entendido não como sujeito social, historicizado, mas como a figura responsável pelo arranjo das palavras da obra.

As limitações das teorias formalistas foram percebidas por Jauss. Sobre a questão da Literariedade, Jauss afirma que a teoria do método formalista levou novamente a Literatura à condição de um objeto autônomo de investigação, mas acabou reduzindo-a, na medida em que desvinculou a obra de todas as condicionantes históricas e definiu em termos puramente funcionais a sua realização específica, como a soma de todos os procedimentos artísticos nela empregados (JAUSS: 1994, p. 18). Já para com o conceito de percepção artística, a crítica do pensador evidencia que o processo de percepção da Arte defendido pelos formalistas surge como um fim em si mesmo, tendo a perceptibilidade da forma como seu marco distintivo e o desvelamento do procedimento como o princípio para uma teoria que abandona o conhecimento histórico, e transforma a crítica de arte num método puramente racional (JAUSS: 1994, p. 19).

Por abandonarem a História, os princípios formalistas não foram acatados de todo por Jauss. Paradoxalmente, o Formalismo acabou legando uma significativa contribuição para a elaboração da Estética da recepção. Em primeiro lugar, acreditamos que foi o próprio valor dado ao texto (à Literariedade, nas palavras dos lingüistas russos). Procurando reabilitar a Literatura à História, Jauss não poderia esquecer as

especificidades da primeira. Em segundo lugar, o conceito de percepção artística dos Formalistas supera a abordagem puramente mimética, e atenta ao mesmo tempo para a função formadora e modificadora da percepçãoⁱⁱ, levando em consideração assim certo efeito produzido no sujeito que lê. Em terceiro lugar, pensando na questão da forma, o método formalista acabou fazendo reaparecer uma ponta do vestido da historicidade da Literatura. Eles perceberam que o literário não é determinado apenas quando analisado no momento histórico vigente (sincronia), mas é determinado também pelo modo com que a forma se relaciona com outras formas e gêneros que lhe precederam historicamente (diacronia).

Ainda que indiretamente, o Formalismo contribuiu para o projeto de Jauss, pois esboçou uma postura diferente da tradicional História da Literatura ao pensar o texto em sua relação com os acontecimentos literários e não somente com os acontecimentos biográficos e factuais, que muitas vezes pouca relação tinham com as obras. A escola formalista beirou uma nova compreensão histórica da Literatura, vindo de uma maneira inovadora a obra de Arte em sua própria história, ou seja, na transformação dos gêneros e das formas literárias. Ainda que não fosse o tipo de historicidade a que Jauss pretendia chegar, a proposta formalista foi de suma importância.

Do outro lado da ponte, certa ala marxista estava preocupada não com a produção, mas com a representação. A teoria marxista entendeu ser sua tarefa demonstrar o nexos da Literatura em seu espelhamento da realidade social. A História da Literatura praticada pelos marxistas consistia basicamente em analisar de que forma determinados fatores sociais e econômicos eram inclusos na obra e de como esses fatores e a luta de classes estavam imbricados nas variações dos fenômenos literários.

Consciente da natureza singular e na autonomia do texto literário, Jauss (1994, p. 16) diz que “somente uma porção reduzida da produção literária é permeável aos acontecimentos da realidade histórica, e nem todos os gêneros possuem força testemunhal no tocante à lembrança dos motivos constitutivos da sociedade”. Ainda segundo o pensador, o marxismo se prendeu demais a uma estética classista, o que teve como consequência a formulação de uma historiografia literária “constrangida a medir o grau de importância de uma obra em função de sua força testemunhal” (1994, p. 16).

A grande contribuição do Marxismo, entretanto, está justamente naquilo que o Formalismo negou: a preocupação com a função social da literatura. Deixando de supervalorizar a forma, foi o marxismo quem tentou definir a obra literária enquanto elemento social, e, portanto, essencialmente histórica.

Conhecemos, agora, tanto as lacunas do Marxismo e do Formalismo, como os subsídios dados por ambos para a resolução do problema da historiografia literária. Nas palavras do próprio fundador da Estética da recepção, a tentativa de vencer o abismo entre conhecimento histórico e estético pode principiar justamente do ponto em que a duas correntes pararam, já que cada uma sinaliza para a valorização do texto/estética e da sociabilidade/recepção.

Jauss concluiu que pensar somente nos pólos representação/produção ou também autor/obra era abandonar uma instância extremamente importante e determinante: o leitor. Entendido em sua individualidade ou em sua coletividade (o público), o leitor é quem pode confirmar a validade de uma obra, seu efeito, sua importância social. É ele, conseqüentemente, o elo entre a História e a Literatura. Para Jauss, o texto literário não existe por si só, pois cabe ao leitor receptionar e sentir os efeitos da Arte, sendo ele o responsável por dar sentido ao que lê. Ao voltar-se para o leitor, Jauss engloba na sua teoria o caráter artístico (uma vez que o efeito só é sentido pela experiência estética resultante da construção verbal), como a função social, na medida em que o sentido dado será fruto das relações implicadas pela história. Cabe à História da Literatura, assim, compreender de que forma as obras são resignificadas em cada momento histórico pelo público.

2.2 A historiografia literária de Antonio Candido

Mesmo antes de escrever e organizar obras que confirmariam sua importância, Antonio Candido se destacou fazendo crítica literária em jornais e livros, num diálogo constante com a produção literária modernista. Muitas vezes recebendo o título de *Mestre Candido*, este autor é referência de uma intelectualidade equilibrada, capaz de valorizar tendências e elementos antagônicos, através de sínteses em que ele relaciona, valoriza e aproveita elementos tipicamente antitéticos. Não sem razão, a sua proposta de crítica literária se tornou conhecida como de natureza dialética.

Atualmente, as análises sociológicas do texto literário se baseiam comumente na obra de Candido. Além de atuar no âmbito da crítica literária, Candido também ganhou evidência por sua produção historiográfica. A partir de agora, apresentaremos as propostas de Antonio Candido para o estudo literário de natureza histórica, observando o que há de singular em sua obra, quando comparada aos modelos tradicionais. Para tanto, nos valeremos da parte introdutiva de *Formação da Literatura Brasileira*. Apesar da proposta crítica de Candido ser bem mais conhecida, o seu modo de fazer História da Literatura é igualmente importante e as duas propostas estão intimamente ligadas, uma vez que na base delas estão as mesmas concepções literárias e as mesmas ideias quanto ao aproveitamento da História e da Sociologia na análise do texto.

Como já dissemos, a historiografia literária de Candido veio a público em 1957, quando o livro *Formação da Literatura Brasileira* foi publicado pela primeira vez. Segundo informações do próprio autor (CANDIDO: 2000), a obra começou a ser produzida em meados da década de 40, mas foi finalizada apenas na década seguinte. Esses dados numéricos são importantes porque sinalizam o esforço empregado pelo autor no processo de formulação da obra (dez anos de trabalho) e para o contexto teórico quando do aparecimento do livro. A observação do contexto nos permite reconhecer que o projeto de Candido apresentado em *Formação da Literatura Brasileira* representou uma ruptura em relação às demais abordagens historiográficas, realizadas no Brasil até então.

De acordo com um panorama elaborado e apresentado por Alfredo Bosi (2002) no ensaio “Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária”, o Brasil possui basicamente três modelos de historiografia literária. O primeiro modelo foi o do século XIX, que tinha como intelectuais fundadores Sílvio Romero e José Veríssimo. Movidos pelas ideias nacionalistas da época, os dois acreditavam que a literatura brasileira precisava se impor frente às literaturas estrangeiras a partir do aproveitamento de temas e de imagens eminentemente nacionais. Quem não seguisse esse padrão “estético” instituído pela crítica oitocentista era de pronto rejeitado a pretexto de pouca originalidade literária. Mas esse não era o único ponto fraco desta historiografia. Junto com o desejo de nacionalidade, as ideias positivistas davam margem para a criação de uma historiografia literária pouco preocupada em ler e

conhecer as particularidades dos livros. O seu objetivo era construir generalizações sistemáticas, traçando com isto panoramas das épocas, dos estilos e dos povos.

Já o segundo modelo de historiografia literária deu origem aos estudos biografistas. Representada por Araripe Jr., esta perspectiva analítica rejeitou os estudos que procuravam os estilos de época, e procurava agora, à luz da psicologia fisiológica, encontrar os estilos individuais, frutos da tensão entre o meio e o temperamento do autor. Subjacente a este modo de análise, havia muito do determinismo e também da psicologia pré-freudiana. A tentativa de afastar-se do modelo de historiografia anterior a partir do exame dos comportamentos e da psicologia dos escritores distanciou Araripe Jr. de Sílvio Romero e Veríssimo, que enxergavam tudo do ângulo da evolução nacional. Por outro lado, foi a partir dela que a crítica brasileira começou a dar mais ênfase à vida dos autores como ponto de partida para a interpretação dos textos.

O texto de Bosi apresenta alguns outros nomes que deram a sua contribuição para os estudos literários brasileiros no período que vai do século XIX até as primeiras décadas do século XX: Afrânio Coutinho, Mário de Andrade, Tristão de Athayde, Álvaro Lins, etc; contudo, cremos que para o autor as correntes representadas por Sílvio Romero e Araripe Jr. são, se não as mais importantes, talvez as mais organizadas metodologicamente, podendo ser consideradas as antecessoras da historiografia que Candido veio a inaugurar no Brasil. Candido foi, nesse sentido, um divisor de águas.

O terceiro modelo de historiografia literária apresentado por Alfredo Bosi é o de Candidoⁱⁱⁱ. De acordo com ele, a obra de Candido “dá a impressão de um conjunto mais ordenado e coeso em que predominam, desde as primeiras páginas, as ideias matrizes de sistema, de integração e equilíbrio funcional” (BOSI: 2002, p. 40). Desde o início a historiografia de Candido se mostrou singular por sua atenção voltada para os aspectos culturais, econômicos e sociais do país a partir de uma visão crítica e consciente. Se até então os historiadores haviam se empenhado em encontrar uma Literatura brasileira, um conjunto de obras que refletisse as imagens do Brasil, Candido vai atentar para o perfil da sociedade brasileira, para a nossa cultura escrita e em especial para a inexistência do público leitor no Brasil. Incrivelmente, esses elementos de civilização passaram despercebidos pelas historiografias anteriores e ninguém os tomava como fator importante para a construção da nossa história literária.

O fio condutor de *Formação da Literatura Brasileira* é basicamente o conceito de Literatura como *Sistema*. Sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase. Estes denominadores comuns, por sua vez, são agregados em dois conjuntos: o interno e o externo. No interno, tem-se a língua, os temas, e as imagens, que se relacionam na elaboração textual da obra. No conjunto dos denominadores externos, encontramos os produtores, os receptores e um mecanismo transmissor, que constituem os elementos sociais e psíquicos relacionados à Literatura. Posta como está, esta concepção de Literatura parece sistemática, mas não o é; na realidade, ela revela elos entre o texto e a sociedade, entre o escritor e o leitor. Foi a partir dela, por exemplo, que Candido pôde elaborar suas melhores conclusões.

A primeira delas foi que do ponto de vista cultural seria muita pretensão nossa acreditar que o Brasil tinha uma produção literária igual a dos outros países. Em primeiro lugar, em relação aos denominadores externos, não possuíamos nos primeiros séculos nem receptores (grande número de pessoas capazes de comprar e ler literatura), nem mecanismos transmissores (instrumentos de reprodução, a exemplo da imprensa), nem tampouco bibliotecas públicas (local de acesso à cultura letrada). Em segundo lugar, os poetas ou romancistas que aqui nasciam não escreviam para o Brasil: suas produções voltavam-se para os leitores de Portugal, até porque a maioria deles tinha sua formação literária amparada na cultura européia.

Com esta maneira de olhar a Literatura, Candido alfineta o nacionalismo exacerbado que alimentou as historiografias anteriores, chegando a afirmar que a nossa literatura é um galho secundário da Literatura portuguesa. Lendo os textos de historiografia do início do século XIX, vemos que era justamente o oposto que os literatos brasileiros defendiam. Para todos eles, o Brasil possuía uma literatura própria, completa, com cara nacional. Na realidade, a maioria dos trabalhos historiográficos procurava provar que o Brasil era a mais linda das terras, que possuíamos intelectuais mais inteligentes que Portugal ou que a nossa Literatura nada tinha a ver com a antiga colônia^{iv} (SILVA: 2002).

Já segundo Candido, do ponto de vista histórico e social toda Literatura para constituir-se precisa do autor, do leitor e de algo que faça o texto chegar às suas mãos. Para ele, a presença de leitores nacionais só surge no Arcadismo, logo é com este

movimento literário que se constitui uma Literatura plenamente brasileira^v. Apesar destas deste ponto de vista, não notamos nas afirmações de Candido qualquer nota de desprezo pelo Brasil. O próprio autor afirma que suas conclusões nascem do conceito por ele adotado (*Literatura como Sistema*) e que qualquer historiador literário chegará a outro entendimento caso deseje apresentar a formação da nossa Literatura a partir de outro norte conceitual. Além disso, entremeado a essas considerações “negativas”, ele mesmo reconhece que os nossos escritos precisam ser valorizados, pois ainda que fracos ou incompletos são eles que melhor nos expressam esteticamente.

Ainda que discordemos desta postura, é necessário reconhecer aqui uma das qualidades do autor: a capacidade de reconhecer as lacunas em algo que é pátrio. Ainda que se considerassem embasados no positivismo, que apregoava a isenção da subjetividade, os críticos e historiadores do século XIX não se eximiram (inconscientemente ou não) de supervalorizar o texto que tematizava o Brasil e de renegar aqueles que não faziam isto, ou que faziam com a crítica e não com o louvor. O reconhecimento das debilidades da Literatura brasileira num trabalho de historiografia literária ensina que o historiador pode defender as especificidades da Literatura brasileira, devem tratá-la com respeito, mas não podem negar a fragilidade dos textos, nem muito menos reduzir o universo de leitura somente a eles. Afinal, só se pode definir a Literatura brasileira a partir da comparação com as demais.

Do ponto de vista do aproveitamento do elemento histórico para a leitura e a organização das obras, Candido dá mais um passo à frente, antecipando aquilo que viria aparecer em *Literatura e sociedade* apenas na década de 60. A proposta de Candido é que a historiografia deve atentar para três níveis de compreensão: os fatores externos, representados pelo elemento *tempo*; os fatores individuais, relativos ao homem ou ao escritor; e, por fim, o texto, que, segundo Candido, é uma tessitura em que tanto os dados internos e externos se inter-relacionam mutuamente.

Está claro que, por tratar-se de uma obra historiográfica, Candido detém sua atenção no primeiro nível citado que é o fator externo *tempo*. Contudo, para valorizar tanto o aspecto textual como o temporal-histórico, ele investe numa forma dialética de análise. Para ele, os dados históricos não devem ser analisados isoladamente, pois “uma obra é uma realidade autônoma, cujo valor está na fórmula que obteve para plasmar

elementos não- literários: impressões, paixões, fatos acontecimentos, que são a matéria-prima do ato criador”. Sendo assim, a consideração dos fatores externos só vale quando submetido ao princípio básico de que existe a precedência do estético, mesmo em estudos de natureza histórica.

Também é singular na historiografia de Candido a redução do valor concedido aos dados biográficos dos escritores. Até hoje a maioria dos manuais didáticos de Literatura dá primazia à vida do autor. Ressaltamos que Candido não nega que os fatores externos (os dados biográficos estão neste nível de compreensão) nos ajudam a ler o texto. No entanto, ele lembra que é importante averiguar até que ponto estes fatores interferiram na elaboração estética do texto que lemos. A partir dessa averiguação, poderemos então decidir se os fatores ligados à vida do autor são indispensáveis, úteis ou descartáveis.

Se no âmbito das pesquisas literárias atuais, conhecer detalhes da vida do escritor não é algo imprescindível para a compreensão do texto, devemos lembrar que o biografismo teve uma grande repercussão, algo que já sinalizamos ao comentar a historiografia de Araripe Jr. O que Candido vai sugerir na década de 50 é, portanto, o inverso: ao invés de analisar o texto pela vida do autor, o melhor é ver se nela há elementos que esclareçam a realidade *superior do texto*, e aqui mais uma vez um apelo para a valorização, em primeiro plano, do *interno* e não do *externo*.

Em sua estréia, o pensamento de Candido causou significativo impacto, fato que explica o número de prefácios explicativos que foram surgindo a cada nova publicação de *Formação da Literatura Brasileira*. Ao lermos esses prefácios, percebemos as sombras da má recepção do livro e o desejo, por parte do autor, de reduzir os equívocos de leitura da obra. Candido chega inclusive a questionar a atenção demasiada dada à parte introdutória do livro (na qual se encontra os pressupostos teóricos adotados), e o descaso para as análises das obras, as quais ele dedicou todo o seu empenho. Enfim, deixando de lado o eruditismo típico da historiografia literária brasileira, Antonio Candido apresentou desde o início uma perspectiva interpretativa, visando o juízo crítico das obras a partir do diálogo com o contexto histórico, elemento que para ele só deve ser chamado para a leitura quando o próprio texto reclamar essa presença.

3. Conclusões

A Estética da recepção pensa, desde a sua formulação, na renovação da História da literatura. Jauss queria denunciar a fossilização desta historiografia, cuja metodologia estava presa a padrões herdados do Positivismo. Porém, nos últimos anos esta corrente teórica tem contribuído para o estudo da leitura, justamente por questionar o valor excessivo dado à relação obra-autor e por defender a função do público-leitor e a experiência de leitura.

Na esfera acadêmica, notamos que a Estética da recepção ainda é desconhecida, principalmente em relação às demais teorias européias. Parece haver certa rejeição por parte dos historiadores e críticos literários em difundir e ampliar a discussão acerca do assunto. Por outro lado, aqueles que se interessam pela proposta, em geral professores-pesquisadores envolvidos com o ensino de Literatura, pouco têm feito (parece-nos) para contornar a situação, a não ser desenvolver pesquisas baseadas nesta tendência teórica.

A Estética da recepção é muito utilizada em alguns tipos de investigação científica, contudo estas pesquisas lêem a teoria muito mais para compreender suas teses, conceitos e propostas, isto é, para fundamentar determinadas análises do que para ser criticada, reformulada e talvez até adaptada, tendo em vista que ela se originou no contexto europeu. Há um grande número de trabalhos que se valem da Estética da recepção, mas que basicamente se repetem, como se fossem sínteses uns dos outros.

Quanto a historiografia de Candido, há uma postura inovadora que se traduz na forma como ele valoriza a parte estética dos textos literários. Esta valorização fez com que suas propostas fossem de encontro a uma série de concepções pré-estabelecidas sobre o assunto no período em que apareceram. Além disto, Candido inovou ao afirmar que o estético é precedente, mesmo em estudos de natureza histórica. Essa inovação se torna ainda mais acentuada ao lembrarmos o contexto cultural brasileiro quando da publicação de sua obra. A própria recepção de *Formação da Literatura brasileira* atesta esse choque de visões e confirma o quanto havia de inquietante no pensamento de Candido para os intelectuais da época.

Por fim, notamos que o surgimento destas duas teorias em décadas tão próximas indica que o problema era evidente naquela época e que, justamente por isso, preocupou professores e teóricos de uma mesma geração, ainda que de espaços geográficos tão diferentes e distantes. Indica também que o Brasil não estava tão aquém no que diz

respeito aos pensadores da Europa, uma vez que Antonio Candido apresentou suas reflexões uma década antes de Jauss.

Referências Bibliográficas

- BOSI, Alfredo. Por um historicismo renovado: reflexo e reflexão em história literária. IN: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BORBA, Maria Antonieta Jordão de Oliveira. Uma Estética do performativo: concepção de Literatura pela teoria do efeito estético. IN: *Revista de Letras*. São Paulo Honório, 47 (2), p. 57-73, jul/dez de 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 2000.
- _____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- EAGLETON, Terry. Fenomenologia, hermenêutica, teoria da recepção. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução Waltensir Dutra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 75-124.
- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. IN: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da Literatura e suas fontes*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da Literatura como provocação à história literária*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Editora Ática, 1994.
- _____. et al. *A Literatura e o leitor: textos de Estética da recepção*. Coord. e tradução de Luiz costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.
- LIMA, Luiz Costa. A análise sociológica da literatura. IN: *Teoria da Literatura e suas fontes*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.
- SILVA, Joaquim Norberto de S. *História da Literatura brasileira e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática. 1989.

ⁱ Jauss foi influenciado ou se valeu de conceitos da Hermenêutica, da Sociologia da Leitura, do Formalismo, do Marxismo e de ideias de intelectuais como Gadamer, Husserl.

ⁱⁱ A noção de percepção artística está interligada a de estranhamento, que é concebida como o efeito obrigatoriamente produzido pela obra dotada de qualidade estética.

ⁱⁱⁱ Juntamente com o nome de Antonio Candido, Alfredo Bosi coloca o de Otto Maria Carpeaux, autor de *História da literatura ocidental*, como um dos intelectuais que elevaram os estudos literários de base historiográfica a um novo patamar.

^{iv} Somente a título de exemplificação, vejamos o trecho de abertura do trabalho “Introdução Histórica sobre a Literatura brasileira”, de Joaquim Norberto: “Além do solo, que lhe coube por herança, o céu benigno, sob cuja influência nascera, o ar suave que o vivifica, a imensidade dos rios, a magnificência de seus portos e baías, a majestade de suas florestas seculares e as riquezas de suas minas auríferas e diamantinas, coube ao brasileiro em grande parte, na partilha dos bens celestes, o talento, que distingue os homens entre os outros homens” (SILVA: 2002, p. 37).

^v Para Candido, todos os textos anteriores ao Arcadismo são na realidade *manifestações literários* e não componentes de uma Literatura plenamente formada.